

Letícia Lanz: vivenciando a experiência moderna da “Estética da Existência”¹

Letícia Lanz: living the modern experience of the “A esthetics of Existence”

Pedro Anácio Camarano²

Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão - UFG
magopac@hotmail.com

Tainá Camila dos Santos³

Universidade Federal de Uberlândia - UFU
taina.santos.tcs@ufu.br

RESUMO: Tendo como intuito explorar a problemática da questão do sujeito nas análises genealógicas de Michel Foucault, este artigo é parte de um projeto de pesquisa em Análise do Discurso sobre uma estética bajubeira. A partir de enunciados de Leticia Lanz, refletimos sobre as regras de existência que a psicanalista dá a si mesma, fomentando a estilização da vida de acordo com uma ética de existência própria. Tendo como perspectiva teórico-metodológica os estudos discursivos foucaultianos, desenvolveremos a análise com base na *História da Sexualidade*, que narra formas de práticas de si em diferentes momentos históricos da cultura ocidental. Os resultados apontam para a possibilidade de os sujeitos criarem modos singulares de ser e viver diante dos códigos morais que normatizam as existências.

Palavras-chave: Processos de subjetivação; Estética da existência; Letícia Lanz.

ABSTRACT: In order to explore the issue of the subject in Michel Foucault's genealogical analysis, this article is part of a research project in Discourse Analysis on a bajubá aesthetics. Based on statements by Leticia Lanz, we reflect on the rules of existence that the psychoanalyst gives to herself, promoting a stylization of life according to an ethics of her own existence. With Foucault's discursive studies as a theoretical-methodological perspective, we will develop the analysis based on the *History of Sexuality* that narrates forms of self-practice in different historical moments of western culture. The results point to the possibility that the subjects create unique ways of being and living in the face of the moral codes that regulate existences.

Keywords: Subjectivation processes; Aesthetics of existence; Leticia Lanz.

¹ Esse artigo foi escrito como objeto de avaliação da disciplina “*Saber, poder e subjetividades nas análises de Michel Foucault*”, coordenada pelos professores Antônio Fernandes Júnior, Bruno Franceschini, Kátia Menezes de Sousa e Kleber Prado Filho em 2020 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

² Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão.

³ Doutoranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia.

De que sujeito estamos falando?

[o objetivo do meu trabalho] foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos (FOUCAULT, 1995, p. 273).

A epígrafe apresentada, pertencente a uma entrevista de Michel Foucault, concedida em 1982, demonstra o quão cara é a noção de *sujeito* para este filósofo. Em seus estudos, o professor do curso *A hermenêutica do sujeito* entende o sujeito sempre dentro das relações de poder-saber, sendo constituído no e pelo discurso de determinado momento histórico.

O conferencista de *A verdade e as formas jurídicas* diz que:

Seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito que não é dado definitivamente, que não é aquilo a partir do que a verdade se dá na história, mas de um sujeito que se constitui no interior mesmo da história, e que é cada instante fundado e refundado pela história (FOUCAULT, 1999, p.10).

Na ótica foucaultiana, o sujeito é entendido como resultante de determinada conjuntura discursiva, tendo a sua subjetividade marcada a cada período da história de acordo com os saberes e poderes predominantes. Assim, podemos pensar em subjetividades amiudadas na Idade Antiga, na Idade Média e na Idade Moderna.

A partir deste entendimento, três reflexões precisam ser feitas para evitar equívocos:

Primeira: a forma de fazer história de Foucault possui outro modo de analisar o tempo, que não se restringe apenas ao critério cronológico, “e isso se deve ao fato de a temporalidade não ser única para todos os homens, o que nos leva a pensar na heterogeneidade de tempo num mesmo momento histórico” (NAVARRO, 2008, p. 60). Ou seja, embora existam as tecnologias de poder de determinada conjuntura histórica, que constituem a subjetividade em tal recorte de tempo, a subjetividade é heterogênea e constantemente mutável, no que é compreendido nas condições de possibilidade, nos jogos discursivos de verdade e de poder.

Segunda: Albuquerque Júnior (2018) diz que a subjetividade se forma e se constitui historicamente e no interior de uma dada sociedade. Trata-se, portanto, não simplesmente de algo interno, ela é produto do processo de socialização, que se dá no contato com os valores, as normas, as leis. Desse modo, se pretendemos traçar a análise do sujeito, devemos observar os processos de subjetivação, isto é, as formas pelas quais os indivíduos “tornam-se sujeitos”, por meio de códigos normatizadores de existências e possibilidades de resistir.

Terceira: no curso *Saber, poder e subjetividades nas análises de Michel Foucault*, Kleber Prado Filho enuncia que a Modernidade é um período histórico que se iniciou no final da Idade Média e que ainda não está esgotado. Fernandes (2014, p. 107), por sua vez, diz que, ao passo que a filosofia antiga buscava uma explicação racional do universo, “a filosofia moderna, ao indagar sobre o conhecimento, considerou-o como forma de libertar o sujeito das amarras feudais e da igreja”. Assim, a Idade Moderna é um período que se caracteriza principalmente por uma ruptura em relação às regras morais pautadas prioritariamente nos dogmas da igreja católica e por uma filiação a normas ligadas a conhecimentos científicos. O mundo contemporâneo, algumas vezes chamado de Pós-modernidade, Modernidade Líquida, Modernidade Tardia ou Era do Vazio, é, nessa perspectiva, uma extensão da Modernidade, que ainda se encontra em trânsito. Pensar a Modernidade é, então, pensar a relação de constituição recíproca entre o sujeito e o movimento histórico no qual ele se situa.

Para além dessas observações, devemos considerar que a noção de sujeito nos estudos discursivos foucaultianos pode ser estudada a partir de três eixos: *ser-saber*, quando o pesquisador examina como os sujeitos se tornam o que são por meio de saberes; *ser-poder*, quando o pesquisador analisa como os sujeitos se tornam o que são por meio das relações de poderes; *ser-consigo*, quando o pesquisador reflete sobre como os sujeitos se tornam o que são por meio de reflexões éticas.

Pesando especificamente sobre o *ser-consigo* na Modernidade, este artigo toma como objeto enunciados de Letícia Lanz, uma mulher que, ocupando uma posição-sujeito marcada pela condição de identidade de gênero transgênera, pelo estatuto profissional de psicóloga e pela estado geracional idosa, enuncia ser marido, pai e avô, mesmo apresentando-se socialmente como mulher⁴.

Ponderando sobre o momento histórico, esse sujeito encontra-se na Modernidade brasileira, cuja emancipação da religião está longe de acontecer, ainda que circulem socialmente os discursos científicos. Pensando sobre o aspecto temporal, apesar de idoso, esse sujeito não é desatualizado, já que domina as novas ferramentas de tecnologias virtuais de comunicação. Cogitando sobre o enfoque social, trata-se de uma subjetividade que detém a capacidade de filiar-se à formação discursiva científica, em razão da compatibilidade para com os saberes da psicanálise, da sociologia e dos estudos de gênero.

⁴ Nas palavras dela: “*Se há uma coisa da qual me orgulho na minha vida é de ter dado conta – e de ainda dar conta – de ser marido da minha esposa, pai dos meus filhos e avô dos meus netos, apresentando-me e sendo socialmente reconhecida como mulher*”. Trecho retirado de texto publicado em seu blog em 10 de agosto de 2016. Disponível em: <<http://leticialanz.blogspot.com/2016/08/ser-pai-sendo-mulher-transgenera.html>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

Lanz experimenta a liberdade por meios de um voltar-se ao eu, um exercício contínuo, singular e intransferível que visa uma forma mais bonita e agradável de se relacionar consigo e com os outros. A liberdade aqui deve ser entendida como prática de liberdade, pois na concepção foucaultiana não existe uma liberdade total “das correntes em que ela se encontraria aprisionada” (RAVEL, 2011, p. 99), mas formas de fissuras nas práticas normativas.

Um pensamento que ultrapassa a lógica da repressão ao corpo e à liberdade do sujeito, que vem de encontro com a psicanálise freudiana, tem grande influência nos estudos cuja multiplicidade (de possibilidades de ser e de pensar) é considerada. Um exemplo, além de Foucault, está em Deleuze e Guattari (2011), que tratam tal multiplicidade metaforicamente pelo funcionamento de um rizoma: uma espécie de raiz que não se pode determinar o seu ponto de início e o ponto de fim. Ou, ainda, um “riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48-49). Desse modo:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48-49).

Para além da história do pensamento, o rizoma metaforiza os modos de existência que não se prendem a “uma verdade universal”, desenhando as próprias linhas (de fuga), em dada multiplicidade de possibilidades de existência e de conduta. Nesse viés, chegamos ao que Foucault (2014) disserta acerca de tornar a própria vida uma obra de arte: a mobilidade do ser para além da norma.

A escrita como técnica de si

Como vimos, em perspectiva discursiva, os sujeitos são constituídos a partir da relação com a sociedade e com os discursos que nela circulam em determinado momento histórico. A condição de ser sujeito implica ser sujeitado a padrões normativos do tempo em que se vive, mas também ser capaz de intervir nesses padrões, seja por meio de pequenos escapes, seja por grandes transgressões. Nas palavras de Foucault (2004, p. 291):

O sujeito se constitui através das práticas de sujeição (assujeitamento) ou, de uma maneira mais autônoma, através das práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções que podemos encontrar no meio cultural.

Ao fazer pesquisa sobre o *ser-consigo*, podemos considerar as práticas de si pelas quais os sujeitos exercem técnicas de configuração das existências sobre eles mesmos. Para isso, uma das possibilidades é partir de *A História da Sexualidade*, coletânea na qual Foucault narra formas de condução das vidas em diferentes momentos históricos da cultura ocidental. No tomo 1, ele pauta sua investigação na experiência moderna, nos tomos 2 e 3, ele descreve experiências de práticas de si nas culturas grega e romana, e no tomo 4, ao que parece⁵, a análise é pautada na moral cristã e no como a normatização de condutas é extremamente intrasigente na Idade Medieval e, a despeito de todo conhecimento científico, ainda resistente na Idade Moderna.

De acordo com Lima (2016, p. 31-32):

Foucault vai se dedicar a estudar aquilo que ele chamou de técnicas de si, a partir da filosofia greco-romana e depois com o surgimento da espiritualidade cristã. Entre os gregos, estas tecnologias assumem o formato de um preceito: o do “cuidado de si”. Mas o que seria este “si”? trata-se de um princípio relativo a alma. Cuidar de si é preocupar-se com a própria alma. Esta é a principal atividade do cuidado de si. Mas para isto, é preciso saber o que é alma. Isto faz com que o “cuidado de si” implique também o “conhece-te a ti mesmo”. No período que foi chamado de helenístico a noção de “cuidado de si” torna-se um tema comum, seja para os estoicos, epicuristas ou cétricos. Epicuro pensa que nunca é tarde para ocupar-se de si. Os estoicos declaram que é preciso estar atendo a si mesmo, retirar-se em si mesmo e permanecer aí. Esta última, é levada a sério por Plínio que aconselha um amigo a guardar alguns minutos por dia para fazer um retiro sozinho, a fim de refletir sobre si. Esta reflexão implica estudar, ler, preparar para os reveses do acaso ou para a morte. É simultaneamente uma meditação e uma preparação.

Comprendemos, dessa forma, que as técnicas de si dizem respeito a alguns tipos de práticas que os sujeitos poderiam realizar por eles mesmos, em determinada época e sociedade, em seu próprio corpo, seus pensamentos e em suas condutas, “de modo a produzir neles uma transformação, uma modificação” (FOUCAULT, 2004, p. 95) e a atingir um certo estado de beleza.

Contudo, ao criar uma concepção específica de “prática de si”, elaborando o conceito de “estética da existência”, Foucault se questiona se “a vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte” (FOUCAULT, 2014, p. 215). Por esse ângulo, pensando com Foucault,

⁵ O livro foi publicado recentemente no Brasil, nosso entendimento sobre a abordagem da obra pauta-se em textos de comentadores (SAFATLE, 2018; FRANCISCO, 2018) que o leram em francês.

adotar práticas de si na modernidade é observar uma estética de si, conseqüentemente, diz respeito à tentativa de fazer da própria vida uma obra de arte.

A arte (do latim *ars*, que significa “técnica”, “habilidade natural ou adquirida” ou “capacidade de fazer alguma coisa”) pode ser compreendida como um tipo de técnica utilizado a fim de produzir beleza estética⁶. Essa atividade, como sabemos, pode ser realizada por meio de uma grande variedade de linguagens, tais como desenho, pintura, dança, teatro e escrita.

As artes, dessa forma, podem fazer parte de “tecnologias do eu”, práticas que permitem aos indivíduos efetuar manipulações sobre seu corpo, alma, pensamentos e condutas, obtendo uma reconfiguração de si mesmos com o intuito de alcançar uma vida temperante. A escrita de si, especificamente, permite ao indivíduo “constituir a si próprio como sujeito de ação racional pela apropriação [...] de um ‘já dito’ fragmentário e escolhido” (FOUCAULT, 1992, p. 160).

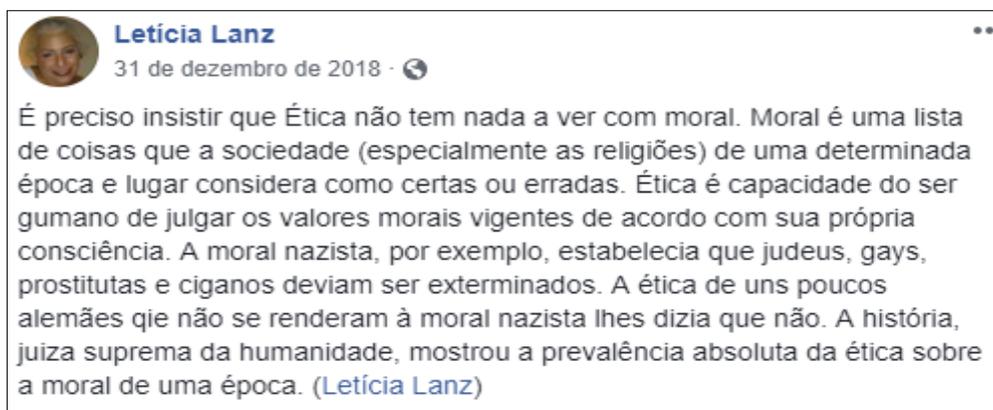
Nessa lógica, os enunciados escritos por Letícia Lanz em sua página da rede social *Facebook* se aproxima da “escrita de si” historicizada por Foucault em determinado momento da Antiguidade. É a utilização da escrita como elemento técnico do treino de si, é a escrita vista como arte de manifestação do ser que experimenta a transformação do próprio eu.

Segundo Foucault (FOUCAULT, 1992, p. 134), “como elemento do treino de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoiética: é um operador da transformação da verdade em *ethos*”. Seguindo esse entendimento, ao escrever sobre si, Lanz se reconstrói e se ressignifica, numa trabalho ético/estético de si.

⁶ De acordo com o Dicionário Etimológico, disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/arte/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

Letícia Lanz e a escrita de si

Imagem 1 - *Print Screen* de postagem pública de Letícia Lanz



Fonte: *Facebook* de Letícia Lanz⁷.

Ao acessarmos o perfil de Letícia no *Facebook*, em 31 de dezembro de 2018, deparamo-nos com a diferenciação que ela faz entre ética e moral. O enunciado materializado na rede social pela psicóloga explica a moral como convenções estabelecidas pela sociedade que interpelam os sujeitos a agirem de acordo com determinadas regras; a ética é entendida como a capacidade de os sujeitos refletirem sobre a moral e, a partir disso, construir valores especificamente individuais, pautados em viver uma vida boa juntamente com os outros. A diferenciação remete-nos, imediatamente, à dimensão *ser-consigo* que ocupou os últimos estudos de Foucault:

a ênfase [do trabalho ético] é dada, então, às formas das relações consigo, aos procedimentos e às técnicas pelas quais [elas] são elaboradas, aos exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer e às práticas que permitem transformar seu próprio modo de ser (FOUCAULT, 2003, p. 30).

A ética estaria situada numa perspectiva individual, e se relacionaria com a tentativa de o sujeito conduzir-se a pensamentos, ações e existência de acordo com o que ele acredita ser a maneira mais correta e bonita de estar no mundo. A moral estaria ligada a um sistema social que funcionaria de acordo com regras de condutas aplicadas em determinada cultura, norteando as formas de ser e estar no mundo independentemente dos desejos específicos de cada sujeito.

⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/leticialanz>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

Ao fazer esse enunciado, Letícia aciona uma memória da narrativa foucaultiana que permite refletir sobre a questão dos processos de subjetivação normativos em relação às identidades de gênero e sobre uma possível “estética de si” na modernidade.

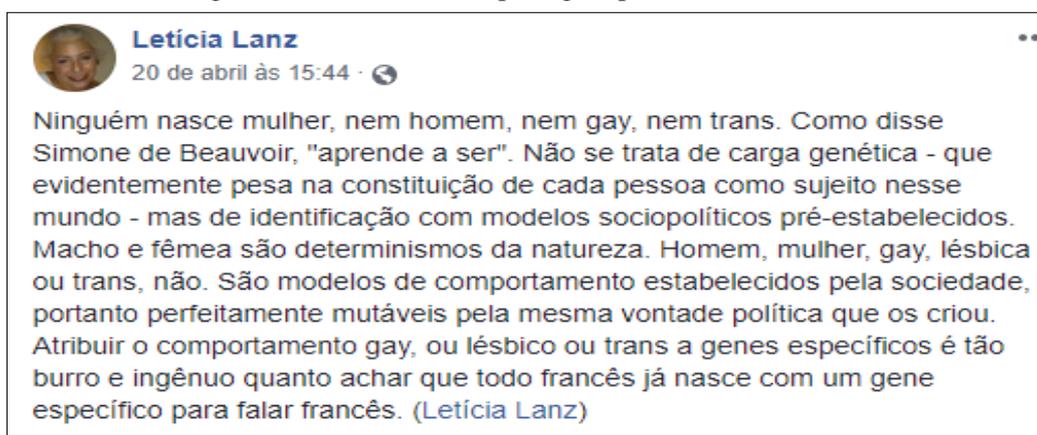
A Análise do Discurso (AD) é um campo de estudo que oferece ferramentas conceituais para a análise desse acontecimento discursivo, já que possibilita a investigação dos efeitos de sentido de materializações de enunciados que dizem respeito a sujeitos sociais e históricos.

Partindo da elucidação de Foucault (2008, p. 132) de que o discurso seria “um conjunto de enunciados”, entendemos o enunciado como um “acontecimento” e também como uma espécie de átomo do discurso, “susceptível de ser isolado”, “como um grão que aparece na superfície de um tecido de que é o elemento constituinte” (FOUCAULT, 2008, p. 90). Ao realizar um estudo cujo objeto era a loucura, o autor apresenta a análise arqueológica:

Fazer um estudo estrutural do conjunto histórico – noções, instituições, medidas jurídicas e policiais, conceitos científicos – que mantém cativa uma loucura cujo estado selvagem não pode nunca ser recuperado em si mesmo; mas à falta desta inacessível pureza primitiva, o estudo estrutural deve remontar até a decisão que une e separa, ao mesmo tempo, razão e loucura; deve tender a descobrir a troca perpétua, a obscura raiz comum, o afrontamento originário que dá sentido à unidade quanto à oposição do sentido e da insensatez (FOUCAULT, 2005, p. 158).

Nesse sentido, apesar de nosso objeto não ser a loucura, os elementos acima expostos e que constituem o “conjunto histórico” são imprescindíveis à análise de qualquer objeto discursivo. O movimento de problematização do discurso – a nível histórico, envolve uma série de práticas discursivas e não-discursivas, existentes cotidianamente por meio das relações de saber-poder e, conseqüentemente, dos jogos de verdade. Por isso, é necessário frisarmos a relevância do “levantamento de problemas discursivos”, inclusive no que tange à identificação de fatores reguladores de um objeto, tais como o gênero e a sexualidade. Seguindo essa linha, em outra postagem, a psicanalista questiona o discurso normativo (e regulador) de gênero:

Imagem 2 - *Print Screen* de postagem pública de Letícia Lanz



Fonte: *Facebook* de Letícia Lanz⁸.

Para entendermos o discurso normativo de gênero vigente em nossa sociedade, abordando a sua emergência e funcionamento, é preciso que recorramos à noção teórica de “dispositivo”, utilizada por Foucault em algumas de suas análises.

Foucault (2004, p. 244) define dispositivo como:

um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. [...] O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante.

A partir da conceituação do filósofo, podemos destacar que o dispositivo trata de práticas, tecnologias e discursos que visam gerenciar condutas. No que se refere especificamente às condutas de gênero, vemos que, na sociedade moderna, o discurso essencialista sobre ser homem ou ser mulher constitui-se de uma verdade biológica, que é inevitavelmente associada ao órgão sexual. Assim, se a pessoa tiver um pênis é classificada como sendo do sexo masculino e se tiver uma vagina é classificada como sendo do sexo feminino. Essa classificação é parte do que o filósofo do pensamento chama de exame, rumo à visibilidade para posterior captura do sujeito: definindo-o, documentando-o e diagnosticando-o:

O exame, cercado de todas as suas técnicas documentárias, faz de cada indivíduo um “caso”: um caso que ao mesmo tempo constitui um objeto para o conhecimento e uma tomada para o poder. O caso não é mais, como na casuística ou na jurisprudência, um conjunto de circunstâncias que qualificam um ato e podem

⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/leticialanz>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

modificar a aplicação de uma regra, [...] é o indivíduo tal como pode ser descrito, mensurado, medido, comparado a outros e isso em sua própria individualidade; e é também o indivíduo que tem que ser treinado ou retreinado, tem que ser classificado, normalizado, excluído, etc. (FOUCAULT, 2014b, p. 187).

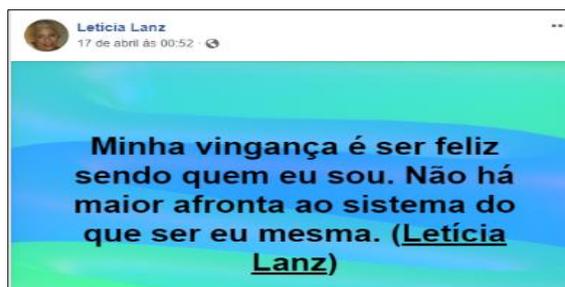
Em sua postagem de 20 de abril de 2018, Letícia questiona o modelo normativo de definição de gênero, deixando claro que existem processos de subjetivação fortemente eficazes que fazem os sujeitos pensarem as identidades de gênero dissidentes como resultado de elementos genéticos desviantes à norma, sendo portanto uma anomalia.

Contudo, ao adentrarmos no tronco genealógico desse pensamento binário com a ferramenta analítica do *dispositivo*, constatamos que essa divisão entre dois gêneros, baseada nos órgãos sexuais, não ocorre de forma tão espontânea e natural: faz parte de padrões de existência aos quais os sujeitos são submetidos desde crianças, sendo treinados a pensar e agir conforme o dispositivo binário de gênero⁹. Isso culmina, também, no regime de visibilidade dado ao sujeito, a fim de catalogar e classificar o seu corpo e existência: homem, mulher; hétero, gay, bissexual, entre outras classificações.

Todavia, é válido lembrarmos que tais definições não significam, na ótica foucaultiana, uma repressão total do sujeito, considerando que ele mesmo se ressignifica, deslocando-se das “zonas normativas”, se propondo outros modos e feitos em seu ser.

Selecionamos, assim, mais dois enunciados, a fim de compreendermos a prática de si adotada por Letícia em sua vida, em desconformidade ao dispositivo binário de gênero:

Imagens 3 e 4 - *Print Screen* de duas postagens públicas de Letícia Lanz



Fonte: *Facebook* de Letícia Lanz¹⁰.

Traçando a análise desses enunciados, podemos ressaltar a técnica de escrita de si para escapar de formas modernas de sujeição. Logo, a sexagenária lésbica dá ênfase ao caráter

⁹ “[...] o dispositivo binário de gênero pode ser compreendido como um conjunto de normas de regulação e controle baseado em estereótipos, atributos culturais, atitudes, identidades e expressões, papéis, funções e expectativas sociais de desempenho relacionadas a cada uma das identidades “oficiais” de gênero: masculino e feminino ou homem e mulher” (LANZ, 2015, p. 43).

¹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/leticialanz>>. Acesso em: 11 jun. 2019.

transgressor de optar pela identidade de gênero que lhe faz feliz, resistindo à heterocisnormatividade¹¹.

Segundo Prado Filho (2018, p. 100):

Enquanto a problematização da sexualidade caracteristicamente moderna remete à figura do dispositivo de sexualização desenhada em *A vontade de saber*, que opera pelo jogo binário da heteronorma, que marca e exclui o diferente, quando não o patologiza, “tratando-o” – também no sentido clínico – como anormal, submetendo-o a práticas de heteronormalização, a problematização contemporânea da sexualidade abre-se e de certa maneira se dispersa nos efeitos do enunciado da diversidade sexual, que implicam certa multiplicação da norma. Deslocamentos enunciativos, de normatividade, de práticas e condutas sexuais, de uso dos prazeres, também deslocamentos estéticos que requerem transformações subjetivas e corporais, trabalhos dos sujeitos sobre si, estetizações e produções de si como sujeitos sexuais. Neste contexto a recusa da norma e do jogo de marcação das “identidades sexuais” opera como prática de resistência, luta pelo direito ao exercício da diferença. E não se pode deixar de notar que as relações com e através da Internet vão assumindo um lugar cada vez mais central em nossas vidas: compramos na Internet; trabalhamos na Internet; estudamos e adquirimos conhecimento na Internet; jogamos e nos divertimos na Internet; nos expomos na Internet; buscamos diagnósticos e conhecimentos a nosso respeito na Internet; buscamos também técnicas de transformação de nós mesmos, nossos corpos e subjetividades, na Internet; conhecemos pessoas e namoramos através da Internet; mantemos relações familiares e íntimas através da Internet – todas essas modalidades emergentes de relação implicam novas formas de subjetivação e de relações do sujeito consigo mesmo. As redes sociais vêm se tornando cada vez mais o espaço por excelência para o exercício de relações com os outros e consigo mesmo, objetivando alcançar ideais estéticos circulantes.

Compreendemos, portanto, que, ao enunciar sobre si na internet, Letícia pratica a sua subjetivação, colocando-se como objeto, exercitando liberdade e resistência. A escrita de si moderna no ciberespaço serve para essa mulher instigante como técnica de renovar o modo de pensar as vivências sexuais e de gênero, revelando uma condição de possibilidade de vida mais bela, como obra de arte.

Ao enunciar sobre ela mesma, Letícia promove-se enquanto artesã de sua própria existência, alimentando uma nova estética, transgredindo o dispositivo binário de gênero e possibilitando uma vida outra, não pautada em regras morais, mas sim em uma ética de si.

¹¹ Concepção preconceituosa de que somente os relacionamentos entre pessoas de sexos opostos são corretos. E também de que só é normal o indivíduo expressa-se (em todos os aspectos) em conformidade com o gênero associado ao seu sexo biológico.

Considerações Finais

Ao colocar o sujeito como alvo de suas investigações, Foucault percebe que os processos de subjetivação, para além da objetivação e subjetivação pelas forças dos saberes e poderes dominantes, permitem aos sujeitos exercitarem técnicas sobre eles mesmos, a fim de tornarem-se sujeitos livres de uma jugo total de normas que buscam incansavelmente normalizar e padronizar os modos de existências.

A subjetivação consiste, portanto, no processo por meio do qual os indivíduos são confrontados com um jogo de saberes que lhe afeta, uma rede de poderes que permite que esses saberes sejam construídos, validados, disseminados e que exerce coerção para que eles sejam assumidos. Diante desse confrontamento, o indivíduo faz uma construção própria e singular de seu modo de vida, entrando na teia discursiva ou escapando dela, conforme suas necessidades e dentro do limite de mobilidade que a própria teia possibilita (NAVARRO, 2017, p. 151).

Após analisarmos os enunciados de Letícia Lanz, em um recorte de algumas postagens na rede social *facebook*, percebemos que essa mulher, que se apresenta como transgênera, dentro do limite de mobilidade possível, escapa da teia discursiva heterocisnormativa. A psicóloga faz isso por meio de uma técnica de escrita de si que consiste em voltar-se para si mesma reflexivamente, trabalhando a sua subjetividade de acordo com seu desejo de existência.

Ao conduzir sua conduta de acordo com o que entende por mais verdadeiro, Letícia ocupa-se com a própria vida seguindo uma vontade própria. Ela, na medida do possível, exercita a liberdade perante o dispositivo binário de gênero, esculpindo-se como uma obra de arte, tendo em vista que manipula seu próprio corpo e condutas no intuito de ser o mais fiel consigo mesma, alcançando, dessa forma, a vida bela em sua concepção.

Concluimos, portanto, que é possível a um sujeito resistir às formas de dominação e controle por meio de invenção de si mesmo: a essa prática, Foucault denomina “estética da existência” – fato que contraria as acepções de “corpo” e “ser humano” contidos totalmente, limitados pela norma de forma que a repressão seja a sua essência e o seu modo de vida.

Com a análise de algumas publicações de Lanz, não pretendemos individualizar a questão do sujeito, mas trazer à tona as discussões, no que tange à subjetividade, das práticas de liberdade possíveis ao sujeito. Nesse sentido, esperamos inspirar mais estudos que pensem o sujeito pela multiplicidade de sua potência, sem desconsiderar as regras, as instituições e a

produção de verdade no percurso de análise, entretanto, ao mesmo tempo, sem desconsiderar as linhas de fuga e a inventividade que o sujeito tem para si.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Bolsonaro ou o desejo masoquista. **Agência de reportagem SAIBA MAIS**, 2018. Disponível em: <<https://www.saibamais.jor.br/bolsonaro-ou-o-desejo-masoquista/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FERNANDES, Cleudemar Alves. Em Foucault, o sujeito submergido no discurso. In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (Orgs.). **Presenças de Foucault na Análise do Discurso**. São Carlos: EdUFUSCar, 2014, p.107-124.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Tradução Eduardo Jardim e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Nau Ed., 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Ética, estratégia, poder-saber**. Organização, seleção e revisão técnica Manuel Barros da Motta; tradução Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, sexualidade, política**. Organização, seleção e revisão técnica Manuel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura: na Idade Clássica**. Tradução José Teixeira Coelho Neto. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IX: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Organização, seleção e revisão técnica Manuel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014b.

FRANCISCO, A. L. As confissões da carne (Resenha). **Revista Ecpolítica**, n. 21, p. 75-99, maio-ago. 2018. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/view/40055/27045>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros. Curitiba: Transgente, 2015.

LIMA, Marco Aurélio de. **Contornos de subjetividade na web – a escrita de si em blogs**: uma análise institucional do discurso. 2016. 164f. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

NAVARRO, Pedro. Discurso, História e Memória. In: TASSO, I. (Org.). **Estudos do texto e do discurso**: interfaces entre língua(gens), identidade e memória. São Carlos: Claraluz, 2008, p. 59-74.

NAVARRO, Pedro; BAZZA, Adélia Bortolon. Práticas de subjetivação em discursos de idosos. In: FERNANDES JÚNIOR, A.. STAFUZZA, G. B. (Orgs.). **Discursividades Contemporâneas**: política, corpo, diálogo. Campinas: Mercado das Letras, 2017, p. 149-173.

PRADO FILHO, Kleber. Estetização da subjetividade: formas contemporâneas de cuidado e produção de si mesmo. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2, n. 1, p. 92-103, 2018. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/595/o/Art_6_Esp_2018.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2019.

RAVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SAFATLE, Vladimir. As confissões da carne. **Revista IHU on-line**, São Leopoldo: 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/576138-as-confissoes-da-carne>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

Recebido em: 10 de julho de 2021

Aceito em: 1 de outubro de 2021